

Sarney diz que plano vai exigir sacrifício

ESTADO DE SÃO PAULO
7 JAN 1989

BRASÍLIA — As novas medidas econômicas que o governo vai adotar ainda este mês, segundo afirmou ontem o presidente José Sarney, em pronunciamento no programa semanal "Conversa ao Pé do Rádio", têm como principal objetivo salvar a democracia brasileira, que pode ser arrastada de roldão pela alta inflacionária. Sarney disse que serão providências "profundas e drásticas", e embora não tenha revelado nenhuma delas, admitiu que, como numa guerra, serão

exigidos de todos "sangue, suor, lágrimas e trabalho", depois de citar Winston Churchill, ex-primeiro ministro da Grã-Bretanha, durante a 2ª Guerra.

Mesmo sem indicar se irá submeter as medidas ao comitê dirigente do pacto social, o presidente convocou a sociedade a ajudá-lo em troca de uma "partilha justa" do sacrifício que será exigido. "É necessário que esse sacrifício seja de todos, e não de alguns", afirmou. O Brasil, acrescentou, precisa de um plano econômico duradouro.

Inflação, a grande inimiga

É a seguinte a íntegra do primeiro programa Conversa ao Pé do Rádio do ano:

Brasileiras e brasileiros, bom-dia. Aqui vos fala o presidente José Sarney. Esta é a nossa primeira conversa ao pé do rádio em 1989, hoje, sexta-feira, dia 6 de janeiro. Renovo a todos os meus votos de um ano-novo de paz, saúde e prosperidade, a cada um, a cada família, e estendo o meu desejo e a prece mais sincera ao nosso país para que ele encontre dias e caminhos mais fáceis, obstáculos menores e grandes realizações.

Como tenho dito, deverei neste mês de janeiro tomar medidas profundas na área econômica e na área administrativa. Desejo recordar o que tantas vezes tenho dito neste programa: o Brasil é um dos países mais viáveis do mundo, mais rico, de maior futuro, de grande presença continental, com projeção importante no cenário mundial, posição que cada vez mais lhe assegura no futuro um lugar de decisão entre as primeiras nações.

Tivemos a capacidade de construir a oitava economia mundial e a sétima industrial, sétima economia industrial, que quero aqui ressaltar, nós alcançamos em 1988. Grandes recursos humanos e naturais. Atravessamos profundas dificuldades e vencemos. Tivemos grandes conquistas.

Neste momento, estamos vivendo um grande paradoxo. A vitalidade, a força de uma economia dinâmica, com alto nível de emprego, grandes safras, grandes exportações, indicadores econômicos, todos bons, e uma inflação destruidora, persistente, perversa, que cria uma cultura do pessimismo, corrói as bases morais do País, desencadeia uma especulação desenfreada de toda ordem, gera instabilidade, desconfiança, e o que é pior, ameaça as nossas conquistas institucionais.

Uma inflação da magnitude da atual inflação brasileira pode nos levar de roldão a democracia, a liberdade que conquistamos, a maior de nossa História, a consolidação definitiva de uma sociedade pluralista, aberta e livre. A inflação tem sido a grande inimiga das instituições, desde Weimar até os trágicos regimes caudilhescos que têm afligido a América Latina. Daí a necessidade de providências drásticas que agora não podem mais ser postergadas.

Não é a necessidade somente de um plano econômico. Devemos ressaltar que esse plano econômico é um plano também para salvar a democracia, para dar condições ao desenvolvimento, para dar tranquilidade à conclusão do processo da transição. Não é hora, portanto, de egoísmo, de questões pessoais, de questões políticas, de ressentimentos e de querelas.

Eu coloco a minha isenção e a minha autoridade a serviço da Pátria, totalmente, e convoco todos os brasileiros e brasileiras a ajudarem o País nesta hora e nesta grande e histórica tarefa. Ninguém, porém, espera milagres. Numa guerra, se exige sangue, suor e lágrimas, mas Churchill acrescentava tam-

bém a palavra trabalho. E também exige tempo, compreensão, exige sacrifícios e o que é necessário é que esse sacrifício seja de todos e não de alguns. Ai é o ponto nevrálgico.

Mas acredito que nós vamos reverter essa situação, vamos enfrentar a inflação, retomando o desenvolvimento, porque não basta enfrentar a inflação para salvar as instituições. É necessário retomar o desenvolvimento, porque estas necessidades são paralelas. Retomar o desenvolvimento, repito, e combater a inflação. Porque um programa com recessão cria uma sociedade injusta e ninguém aceita a injustiça.

A muitos, pode parecer paradoxal pensar em combater a inflação e retomar o desenvolvimento. Mas este deve ser o objetivo de todo projeto econômico duradouro. Para isso, nós estamos trabalhando em um projeto que cria um instrumental capaz de alcançar esse objetivo. Não será obra do dia para a noite, nem obra de dias. Nós já temos uma longa experiência de vitórias e de fracassos.

Vamos tomar todas as providências, como determinação, com toda a segurança, sem pensar em nada que não seja um só objetivo, um só dever, uma só vontade: o Brasil. A História não perdoará qualquer vacilação nesta hora. Eu bem sei da minha responsabilidade. Estamos ouvindo e já ouvimos os melhores talentos do País. Coletamos as opiniões que foram colocadas através de críticas, artigos, manifestações de toda a natureza. A nada deixamos de considerar e o melhor será feito. Sem dogmatismos, sem preconceitos, sem partidarismos, sem objetivos políticos, sem considerações pessoais.

Vamos começar a luta. 1989 será um ano de grandes realizações para o Brasil. É, repito mais uma vez: entregarei o País democratizado, com a sua economia em ordem. O futuro presidente não viverá sem dúvida, os momentos difíceis que vivi e estou vivendo e nem o povo brasileiro as dificuldades que ele passa. Estamos, assim, plantando o futuro.

Antes de terminar, eu quero ratificar minhas declarações de veemente condenação ao bárbaro assassinato do líder seringalista e do movimento ecológico mundial Chico Mendes. O irrepreensível comportamento das autoridades policiais na apuração do crime e prisão dos criminosos, rapidamente, é apenas uma parte da ação do governo nesse episódio lamentável, vergonhoso e profundamente revoltante. É com pesar que faço este registro e reverência a memória do seringalista assassinado.

Também quero expressar o meu profundo sentimento de pesar e o quanto fiquei chocado com a tragédia que atingiu o Rio de Janeiro na noite do dia 31 com o naufrágio do "Bateau Mouche", episódio criminoso que manchou de tristeza e revolta a passagem do ano. Os responsáveis devem ser exemplarmente punidos pela Justiça, que a sociedade paga para isso. E todo o rigor será pouco, pois nada resgatará as vidas que ali foram apagadas.

Bom-dia e muito obrigado a todas as brasileiras e brasileiros. Vamos em frente."